

Matto-Grosso

REVISTA MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO VII

CUITABÁ — OUTUBRO — 1910

NUM. 10

E. Haeckel, Pontifice do Protozoario (*)

Falsificador e Desqualificado

«Quando eu desejo ler um romance, nenhum conheço melhor que a Historia da Creação de Haeckel.»

(Du Bois Raymond).

QUANDO nós vemos a derrama extraordinaria dos livros de Ernesto Haeckel, derrama que devemos considerar como uma das maiores calamidades dos tempos que correm, não podemos deixar de reconhecer, ao menos, uma qualidade nos adversarios das crenças christãs a audacia com que se apresentam, envoltos em roupagens de apparencia scientifica, affrontando não direi a sciencia solida e honesta, porque esta resiste e não tarda a desmascarar o embusteiro, mas o publico ingenuo e mal aperecebido em cousas philosophicas no qual a acção do apostolo negador é quasi sempre decisiva.

(*) Este artigo é da lavra do illustre homem de letras — Oliveira e Silva —. Foi publicado no conceituado jornal "Gazeta de Noticias" do Rio de Janeiro.

Pedindo a devida venia o transcrevemos em nossas columnas; pois é mais uma prova que a sciencia philosophica de Haeckel, é tida, pelos sabios, qual fábula, ao extremo ridicula.

N. da R.

Ernesto Haeckel é um dos mais terríveis destruidores que se conhece e a sua efficacia é tanto mais prejudicial quanto menos accessíveis são ás almas que elle mata os livros em que lhe dão combate os verdadeiros mestres, isentos de qualquer preocupação sectaria.

Um desses livros é o "Deus e Sciencia" do Dr. Elie de Cyon, illustre physiologista, sobre cuja reputação scientifica li as melhores referencias em uma revista medica de Bruxellas.

Nesta obra encontrei curiosos e importantissimos detalhes não só sobre as famosas falsificações do terrível destruidor em materia de embryologia, como do juizo realmente desprezível que delle fazem as legitimas competencias do mundo dos verdadeiros sabios, do qual Haeckel está excluido.

Foi em 1898, com a appareção da obra "Enigmas do Universo" que os physicos se decidiram a estudar, mais de perto as doutrinas de Haeckel. Antes disso, como diz o professor Cyon, enquanto elle se conservou estritamente no terreno das sciencias naturaes descriptivas, só os representantes auctorizados da biologia haviam emprehendido combatel-o e isso a principio, no intuito

e em templo, assim como faz metaphysica pura, proclamando a realidade do Verdadeiro, do Bem e do Bello.

Continuando a nos contar toda essa palhaçada de um scienticismo hysterico, escreve o professor Cyon:

«A emoção produzida por esta inauguração solenne foi tão viva na Allemanha que o Dr. Brass, embryologista experimentado, teve a idéa de examinar mais de perto o "Menschen-problem", destinado a ser o evangelho definitivo da nova religião. O exame não foi feliz para seu apostolo. O Dr. Brass declarou que diversas estampas que ornão o livro e que segundo affirmação do auctor são—reproduções muito fieis—de accordo com obras de naturalistas conhecidos, tinham passado por verdadeiras alterações, destinadas a demonstrar que, em certas phases do seu desenvolvimento os embryões do homem são identicos aos dos morcegos, dos peixes e dos macacos anthropoides. E' assim que se vê o embrião de um macaco de cauda (*Cercopithecus cynomolus*) apresentado como o de um gibbon (*Hylobates*), o anthropoide sem cauda. No desenho do embrião tomado ao professor Selenka, Haeckel suprime uma parte do ventre e modifica os contornos da cabeça. Ao embrião de um morcego de Van-Beneden, tira uma parte das entranhas, dá um feitio mais elegante á cauda e faz passar pela figura de um *Rhinolophus* (*Hufeisennase*). O desenho de um embrião de homem, segundo His, é modificado de modo a lembrar o de um gibbon, etc.

Haeckel a princípio tentou defender-se com injurias grosseiras ao seu contradictor. Mas, como já havia respondido no mesmo tom aos naturalistas, os mais illustres, como

Von Baer, Virchow, Kolliker, Hensen, His, Sempner e outros, o Dr. Brass só tinha motivos para se lisonjear, por se vêr em tão illustre companhia. O publico, já cansado com estas violencias, reclamava outros argumentos. Haeckel lançou então a responsabilidade das falsificações praticadas á conta de erros de seu desenhista. Emfim, levado á parede, foi obrigado a fazer confissões e a pleitear as circumstancias attenuantes. No "Volkszeitung" de Berlim, de 29 de dezembro de 1908, publicou elle uma declaração, de que damos o seguinte trecho:

«Para pôr termo á violenta questão eu começo por uma confissão de arrependimento: uma pequena parte de minhas numerosas figuras de embryões, 4 a 8 em 100, foram realmente falsificadas (no sentido do Dr. Brass), especialmente aquellas em que as observações de que eu dispunha eram incompletas ou por demais insufficientes para estabelecer uma cadeia ininterrompida de desenvolvimento; ha necessidade, em taes casos, de preencher as lacunas com hypotheses.»

Haeckel contava em seguida que difficuldades tivera de vencer para praticar as suas falsificações. «Devem considerar-me, depois desta confissão acabrunhadora, accrescentava elle, como esmagado e condemnado. Consolar-me-ei vendo, no banco dos accusados, a meu lado, centenas de cumplices na pessoa de biologistas afamados e dignos de confiança que usaram do mesmo processo.»

Diz o professor Cyon que esta insinuação final é a resposta habitual de Haeckel á accusações que elle não pôde refutar.

Eis ali o pontifice do protozoario reduzido ás suas justas proporções, a de um sectario falsificador,

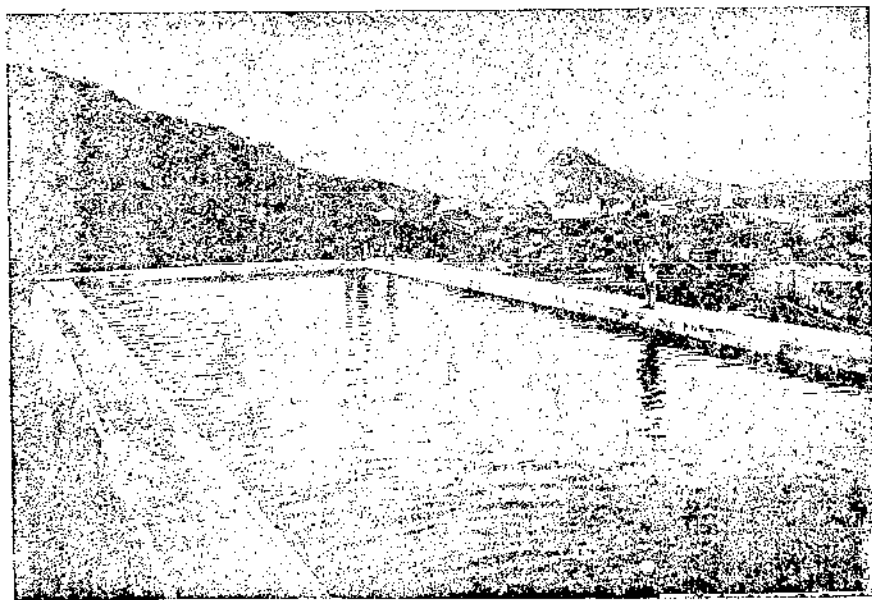
desqualificado no mundo da sciencia e dos homens serios.

Termino este artigo citando a famosa phrase do professor Friedrich Paulsen em sua obra "Ernest Haeckel als Philosoph", sobre o livro do falsificador intitulado "Enigmas do Universo": «Li este livro e córei de vergonha pensando no estado da instrucção geral e sobretudo da philosophica de nosso povo. E' um facto muito doloroso que um tal

livro tenha sido possível, que tenha podido ser escripto, impresso, comprado, lido, admirado e tomado a serio em uma terra que possui um Kant, um Goethe e um Schopenhauer.»

E' entretanto as obras do sinistro negador, traduzidas em todas as linguas, correm mundo matando as almas dos simples e dos incautos.

Oliveira e Silva.



O novo reservatorio de agua do morro de S. Clara, Victoria (Espírito Santo)

Maria

Quando no Templo, meu olhar levanto,
Ao teu sublime altar, Oh Virgem Pia!
Sinto minh'alma suspirar por ti...

Oh candida Maria!

E esqueço as maguas já por mim choradas,
E sinto com te vêr, doce alegria,
Oh Santa! Oh Lyrio! Oh Estrella! Oh Flôr! Oh Ave!
Oh candida Maria!

E te contemplo em teu altar, Oh Santa,
Oh Mãe querida que meus passos guia;
E uma prece de amor á ti murmuro...

Oh candida Maria!

Dentre as bellezas que minh'alma enleva,
Tu mais a enlevas que o raiar do dia;
Mais do que bella, és ainda casta...

Oh candida Maria!

Acho nas flôres o ideal da graça,
E na musca o encanto da poesia,
Mas acho em ti mais graça e mais encanto

Oh candida Maria!

Ventura tanta eu acho em te fitar,
Que minh'alma em amores se extasia;
Pois és a flôr mais linda para mim...

Oh candida Maria!

Tu és o astro que meu sôr aflaga
Que de minh'alma as dôres alivia;
Tu és a estrella benfazeja e pura

Oh candida Maria!

Accepta pois meu canto, oh Virgem Santa,
Como um beijo que um filho á Mãe envia,
Tu que me inspiras um amor divino

Oh candida Maria!

E, si no mundo eu sigo a minha estrada,
Sem nelle achar a caridade pia;
Em ti eu acho protecção e amparo...

Oh candida Maria!

En sou o viajor exausto e pobre
Dos desertos entregue á noite fria,
Tu és a tenda, o catinello abrigo,

Oh candida Maria!

Cuiabá - 10 - 10 - 1910.

C. H. d'Amarante.

La Dormition de la S.^{TE} Vierge



Os catholicos em progresso na terra santa!

Eis o facto consolador e animador com que nestes dias de festas e pompas para Jerasalem exultam os corações catholicos. Mais um dos logares sagrados por uma tradição multi-secular passou ao dominio dos latinos, mais uma igreja, de todas na Palestina talvez a mais bella, ergue o majestoso zimbório ao céo; e a cruz no alto da torre, o toque melodioso dos sinos annunciam á cidade santa e ao mundo inteiro, que o monte de David, o regio Sião foi restituido ao culto catholico.

Longa e quasi interminavel é a serie dos seculos que nos separa do primeiro periodo de glorias e triumphos para aquelle monte, dos dias felizes em que o propheta-rei David, attrahido pela sua posição inexpugnável, á força d'armas o arrancou aos Jebusitas e o escolheu para sua residencia e a capital de Israel. A memoria daquelles tempos guarda-a a mesquita chamada Nebi-Daud, onde os musulmanos veneram o sepulcro e o resguardam ciosamente de olhos profanos e «infieis».

Não lhes temos inveja; mas o que deploramos, o que com dor pungente fere o nosso coração, é vermos como os mesmos muros escuros e sombrios desse vasto edificio encerram e escondem o Cenaculo, a sala que viu as maiores provas do amor do Filho de Deus, o local que foi testemunho da ultima ceia e da instituição do tribunal da misericórdia, da vinda do Espirito Santo, que ser-

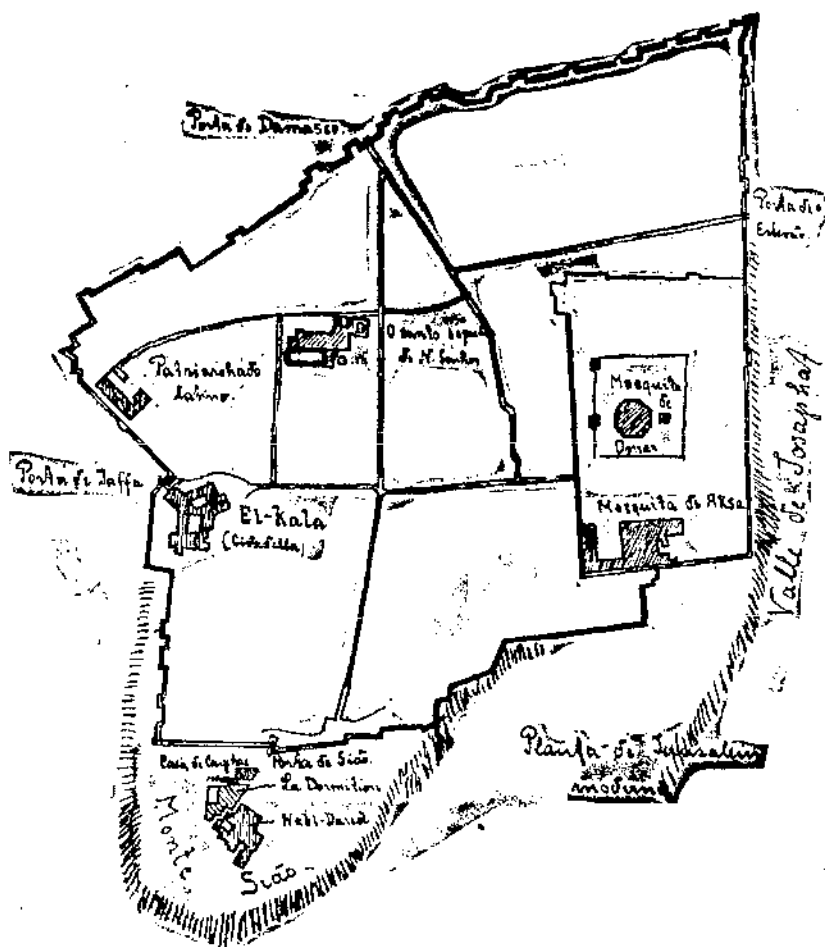
viu de matriz á fervorosa comunidade dos primeiros christãos e de Sé episcopal ao primeiro bispo de Jerusalein, vemos como este sacrario está hoje tão desauaparado, desprezado, denudado de tudo com que recordação piedosa o tinha ornado em epochas mais felizes. Em vez dos PP. Franciscanos os guardas fieis e benemeritos dos sitios sagrados da Palestina, recebem-nos derviches fanaticos vigiando suspitosamente cada um dos nossos passos e abreviando com impaciencia os poucos momentos de nossa memorável visita.

Quanto tempo ainda ha de durar essa situação tão acabruñadora para o christão? Deus o sabe. Todos os esforços dos catholicos allemães e a intervenção do proprio imperador, para obter este sanctuario tão caro ao coração catholico, mallogram-se pelo fanatismo cego do Islam que não cede de boamente um logar venerado como um dos mais santos na opinião popular. O mais que se pôde conseguir, e isto somente por intermedio do Sultão Abdul Hamid, foi o terreno pouco espaçoso em frente de Nebi-Daud, onde transmittida de idade em idade, de seculo em seculo se guarda a memoria da morte de Nossa Senhora (Dormition de la Ste. Vierge). Foi alli, assim reza a tradição, á sombra do Cenaculo, que se aninhou a modesta casinha, que Nossa Senhora habitava depois da ascensão do seu filho, alli consolava e amparava a primitiva igreja no meio das perseguições, alli esperava pela vinda de Jesus,

que se dignasse livral-a deste valle de lagrimas e coroa-la como rainha dos céus.

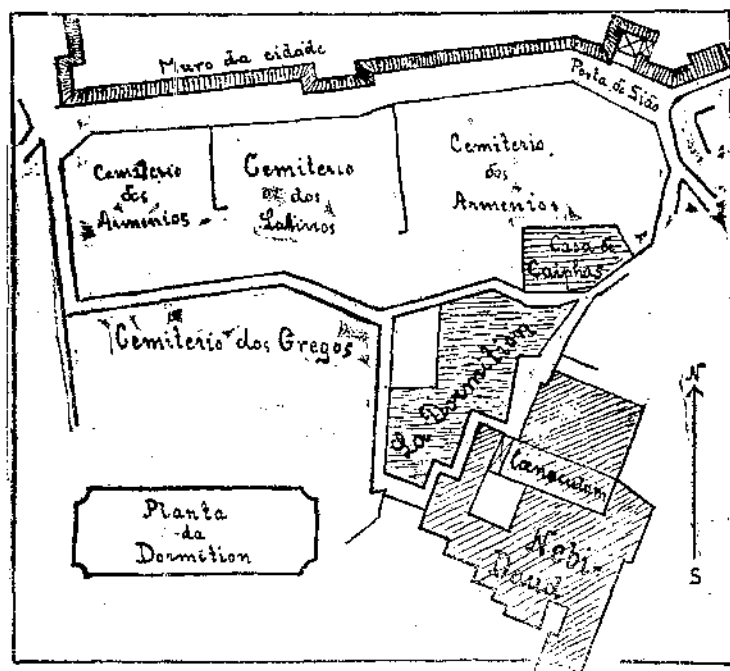
De jubilo transbordou a Allemanha catholica quando o telegramma imperial divulgou a boa nova;

respondesse plenamente á dignidade soberana de sua grande padroeira, bem como á devoção e á generosidade herdadas de seus antepassados. De todos os lados confluíram as offer-tas dos fieis. Garantida assim dentro



prestes a todo sacrificio abraçou o povo inteiro com enthusiasmo o grandioso projecto de documentar perante o mundo o amor tradicional á Mãe de Deus e de erigir na «Dormition» um monumento, que cor-

em pouco, a realisação do plano que revela o gosto apurado e artistico do seu autor, o architecto coloniense H. Renard, a comissão envidou todos os esforços para satisfazer ás exigencias tão justas dos catholicos



não só da Alemanha, mas de todo o mundo; pois catholico devia ser o santuario, um lugar onde os filhos de todas as nações á porfia louvassem e exaltassem a sua Mãe celestial, como filhos que são de uma e a mesma santa, catholica e apostolica igreja.

O resultado correspondente aos esforços. Hoje após 12 annos cheios de trabalhos e sacrificios, de obstáculos e opposições, levanta-se no monte regio de David uma igreja, que, quanto á solidez de sua construcção, á harmonia de suas proporções, e á belleza de suas formas, não tem igual entre os templos christãos da cidade santa. Nestes dias após 12 annos de anciosa impaciencia ella foi consagrada com toda a solemnidade, de que tal acto se costuma revestir, em presença do principe imperial Eitel Friedrich, e definitiva-

mente entregue ao alto destino que lhe foi dado, o de ser um santuario privilegiado de Maria Santissima, de manter as antigas e santas tradições da morte de N. Senhora, de estar de atalaya deante da porta de Nebi-Daud, até que com a ajuda Divina surja afinal o fausto dia de liberdade e de novas honras e glorias para a «mãe de todas as igrejas», o Cenaculo.

Quer se aviste «Mariæ Heimgang» (*) de longe, quando o sol lhe doira o campanario e o zimbório, e as suas formas vivas e pittorescas, contrastando com a severidade e as tintas negras de Nebi-Daud, se desenhem nitidamente no céu azul, quer se reparem attentamente as particularidades da obra de arte que aca-

(*) E' este o nome, que officialmente foi imposto ao novo santuario.

ba de se erguer, é sempre bello e magestoso o aspecto d'aquelle monumento, sempre harmonioso e encantador.

A igreja, uma construção central e o campanario alto e elegante, ao qual se encosta o modesto convento dos filhos do glorioso S. Bento incumbidos da guarda do novo santuario, dominam o Sião e os cemiterios que em grande parte o occupam, dominam o antigo edificio, chamado «Casa de Caiphaz,» hoje convento armenio, dominam até o conglomerado irregular de muralhas e cupolas, o proprio minarete com as sacadas e galerias do vizinho Nebi-Daud, máo grado dos musulmanos.

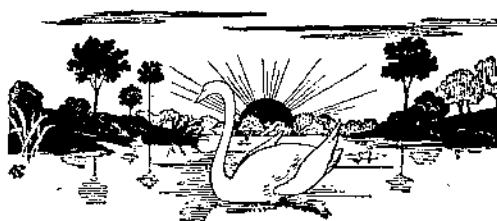
Do alto do campanario desfructa-se um panorama sem igual. A nossos pés a cidade com o sem numero de suas torres, minaretes e cupolas, cercada pelo muro ameado e bem conservado, povoada de lem-

branças commoventes, veneranda por uma historia de mais de 5000 annos. A' direita, á leste, o planalto de Moriáh, onde outr'ora se erguia o templo de Salomão e de Herodes, maravilhas do mundo—hoje um deserto, espaçoso demais para as duas mesquitas, que parecem participar a indolencia do Islam; deante de nós a grandiosa cupola do Santo Sepulcro com o Calvario—nas mãos dos seismaticos; á esquerda, fóra da cidade, os estabelecimentos, escolas, hospitales de todas as nações e religiões, que umas ás outras invejam e disputam encarniçadamente a posse dos logares santos:

«Ut omnes unum sint!»

Quando se realizará este desejo de N. Senhor, que veio trazer ao mundo a unidade e a paz?!

G. du Velius.



SONETO

Pobre e velho relógio desprezado,
que, a olhar humano esconso, ora dormitas
num velho cofre de madeira, ao lado
de flores murchas, desbotadas fitas,

assim quedo, assim triste, assim parado,
evocas mil saudades infinitas
das bellas horas de um feliz passado
que tu marcaste em pulsações benditas...

O passado morreu. E tu pensaste
que fora uma ironia inda marcares
outras horas depois das que marcaste,

e então paraste. O meu relógio amigo!
porque quando pensaste em te aquietares,
não se aquietou o coração contigo?

S. Paulo, 1910.

JOSE DE MESQUITA.

AD JESUM PER MARIAM

As correntes dos rios pressurosas,
Sobre fundos de per'las deslisando,
Na intermina porfia, vão rolando
Para do mar as vagas alterosas.

Das auroras os raios cõr das rosas,
Que ás flores dão o beijo casto e brando,
De pouco a pouco, vão-se transformando
Nas luzes meridianas ardorosas.

Assim, de Adão a prole, cujo fito
E' o porto de além, é o infinito,
Vae resvalando para a eternidade.

Então, a carne, transmutada em luz,
Só chegará ao seio de Jesus
Pela divina Mãe da humanidade.

Cuiabá, 1910.

A. O.



Pelo vapor "Blucher", fretado por 6 mezes, chegaram a Santos para visitar S. Paulo e Rio cerca de 200 *trustees* americanos, capitalistas e negociantes. Deixaram, em toda parte boas impressões e levaram opiniões, dos encantos e progressos do Brasil.

RECORTES

A guisa de chronica, apresento hoje na *Revista Matto-Grosso* esta pequena secção para, mensalmente, vir rabiscar alguma cousa e desenferrujar a minha penna.

*
**

Não posso deixar de dizer algumas palavras sobre o sensacional drama, cujo scenario foi a pacata nação portugueza.

Todo o mundo já sabe o desenlace desse drama: a quéda da corôa real e o regimen republicano senhor da nação.

Parêce que a desgraça pairava, de ha muito, sobre a familia real portugueza, esperando somente occasião para lançar-se sobre ella, provando isto os homicidios do rei D. Carlos e do principe D. Luiz Filippe, e, agora, o desthronamento do rei D. Manoel, ainda na infancia do seu governo.

A morte de D. Carlos e de seu primogenito, embora passados já annos, não deixa de fazer ainda vibrar em nossos corações um sentimento de pezar.

E, no momento actual, a quéda desse joven soberano que toda a Europa e America já tinham por amigo e á cuja sympathia o mundo inteiro não deixava de corresponder, vem nos confranger a alma.

O regimen monarchico em Portugal, não era, no reinado de D. Manoel, como no do Ozar, na Russia,

onde o povo é corrido á acção do *Knut* e tratado por mãos de carrascos, não.

Os portuguezes obedeciam e amavam esse soberano e nós mesmos, americanos, tínhamos o seu governo como pacifico, probó e sympathico.

Não sei si a Republica, ora implantada audazmente sobre o tumulto do regimen da realza, virá trazer beneficios ao povo e á patria de Camões.

Lamento a sorte de D. Manoel, que, ainda hontem, a França e a Inglaterra recebiam amistosamente em suas capitães e cujos governos pareciam devotar-lhe sincera e leal amizade; lamento esse joven rei, tão cedo roubado á felicidade de se ver entre os seus, na sua terra natal, onde podia passar o resto da sua mocidade, alcançar a velhice e morrer feliz; lamento-o porque, talvez, do mesmo modo como D. Pedro II, tenha de passar o resto de sua vida no estrangeiro, nunca mais ver a patria e morrer sob um céu que não será tão lindo e tão azul como aquelle que o viu nascer.

Choro a sorte da familia dos Braganças, dessa velha soberana que se chama D. Maria Pia, e dessa heroica rainha D. Amelia, que, ainda ha pouco, virou seus filhos, esposo e neto alaren-se para a eternidade, varados por balas assassinas e que hoje soffrem a agrura do exilio; de-

plôro essas duas rainhas, cujo valor e amor conjugal e filial já têm sido altamente destacados nos transees dolorosos que ambas têm atravessado.

*
* *

A data de 12 de Outubro, que nos faz lembrar o descobrimento do novo mundo pelo intrepido genovez Christovão Colombo, não passou despercebida entre nós, como nos outros annos tem succedido.

E isto foi devido á bella festa organizada pelo grupo escolar do 1.º districto desta capital.

Essa festa, que correu sempre na melhor ordem, teve início com o hasteamento, ás 8 1/2 horas da manhã, do pavilhão auriverde no edificio do grupo, em frente ao qual, formadas trezentas creanças, todos alumnos do estabelecimento, entoaram o hymno á bandeira.

Depois, essa multidão infantil, dirigida pelas respectivas professo-

ras, partiu, sempre em ordem, para o jardim da praça Ypiranga, onde, ao ar livre, tepido da manhã, foram cantados os hymnos da independência nacional, acompanhados pela banda musical do Batalhão de Polícia.

A garrula creança, depois de distribuidos bonbons e bolos, passeiou em bandos, alegremente pelo jardim, saboreando com olhares curiosos as bellezas das flores, o porte erecto das palmeiras, os rodopios dos beija-flores.

Tal foi a nota festiva que correu para alegrar a data do descobrimento do continente americano, cabendo-me, por isso, dar parabens ao grupo escolar pela festa civica que organizou e pelo modo com que já vae ensinando a nossa petizada os principios de civismo e de educação social e scientifica.

P. M.



NO COLLEGIO SANTA THEREZA

*Aqui neste collegio, onde a sciência,
A virtude exemplar festiva expande,
Longe do mundo, dos seus erros trédos,
Minh' alma cobra força e vê-se grande!...*

*Aqui sob este tecto abençoado,
Onde de Deus a caridade abriga,
Da humanidade deve ser bemdito
O predilecto lar, a casa amiga!...*

*A sã modestia, a crença verdadeira
Não habita entre os luxos dos salões,
Onde do vício os crimes se pompeiam
Com seu cortejo pando de trações!...*

*Não é dos grandes centros nos bulícios
Que o coração rico de bens se torna;
Como das tempestades nos rugidos
Não é que a flôr de petalas se adorna!...*

*Oh! mocidade! mocidade loira,
Da sociedade lucido florão,
Da família, do lar és a esperança,
Da cara patria rutilo embryão!...*

*Eu te saúdo co' entusiasmo louco,
Qual dos heróes a fulgida memoria!...
A' sombra amena desta pia casa
E' que a sorrir descança o anjo da gloria!...*

Corumbá—Março—1910.

JOÃO NUNES DA CUNHA.



S. Paulo.—Os capitalistas americanos passeando no Jardim da Luz, pouco antes de regressarem para Santos, em 2 treus espedes.

Monumento commemorativo

da fundação de S. Paulo

Como promettemos no ultimo numero de scientificar ao publico qual das *maquettes* foi escolhida para a crecção do monumento á memoria dos fundadores da cidade de S. Paulo, passamos a transcrever em nossas columnas, o parecer da esclarecida commissão julgadora, formada pelos srs. drs. Adolpho Pinto, Claudio Rossi e Ricardo Severo.

Desempenhando-se da incumbencia, estes srs. apresentaram seu parecer em 21 de abril passado, opinando em suas conclusões pela classificação em primeiro logar do projecto Zai e em segundo do de Corrêa Lima, «entendendo que, com as modificações suggeridas, o projecto «classificado em primeiro logar, caso seja levado a effeito, dotará a «cidade de S. Paulo de notavel obra de arte, a qual, nos termos do «edital de concorrência, não só trazirá com verdade o fausto acontecimento a commemorar, como «concretizará condigna homenagem «às venerandas figuras historicas «que nelle representaram papel relevante».

Apreciando o projecto do esculp-tor A. Zani diz o parecer:

... «A sua maquette é a que lhes parece melhor satisfazer as condições a que a obra precisa attender, para realisar cabalmente seu elevado fim. Pelo que diz respeito á arte a inspiração é feliz, a composição harmonica, sobria e elegante, a factura correcta, o porte magestoso e altanado, como é proprio dos monu-

mentos destinados ás grandes comemorações patrioticas.

«A sua forma fundamental é a columna, forma tão simples, tão natural, que é encontrada na architectura de todos os povos. E nenhuma forma architectonica reveste caracter mais adequado, a representar um monumento commemorativo da fundação de uma cidade. E' que, através de seu symbolismo historico, desde o simples obelisco megalithico, a columna tem sido o emblema representativo da jurisdicção municipal.

«Encarado sob o ponto de vista historico, o projecto não só evoca os mais notaveis lances occorridos, as grandes batalhas de ordem physica e moral que pelejaram os invictos fundadores da nossa cidade, como destaca, em merecido relevo, os personagens primaciaes.

«Os baixos relevos que guarnecem as quatro faces do pedestal esculpem, em tão resumida quão acabada synthese, todo o grande primeiro capitulo da historia de São Paulo.

«A celebração da primeira missa, nas circumstancias conhecidas, representando o solemne acto inaugural da obra missionaria a que deveu a cidade o seu principio, é episodio que muito justamente faz objecto do primeiro d'aquelles baixos relevos.

«Escolhido o sitio e installada a missão apostolica, entregou-se ella de corpo e alma á piedosa faina da catechese dos selvagens, trabalho em

que desde logo se distinguia, tanto por suas apuradas virtudes como pelo zelo e dedicação á causa dos aborígenes, o padre José de Anchieta: eis o thema do segundo baixo relevo em que, com plena justiça, é realçada a figura veneranda do *Thaumaturgo da America*.

«Progreidia a povoação nascente, maxime depois que da vizinha povoação de Santo André lhe fôra transferido o fóral de villa quando graves dissensões, estimuladas por causas diversas, confederaram os elementos dissidentes e elevaram-nos a assaltar Piratininga. A heroica defesa, dirigida e sustentada pelo valente chefe indigena Tibiriça, fiel amigo dos missionarios, salvou a villa de completa destruição.

«Tal o episodio reproduzido no terceiro baixo relevo, especialmente consagrado á memoria de Tibiriça.

«Finalmente, a famosa embaixada de paz, emprehendida por Nobrega e Anchieta, sós e indefesos, junto aos Tamoyos, cujos reiterados accommettimentos e correrias impediam a tranquillidade e o progresso da colonia, veio consolidar a situação e melhor garantir a sorte da possessão portugueza. O audacioso lance dos dois abnegados missionarios, que arriscando a propria vida puzeram ainda uma vez a salvamento a sua querida Piratininga, faz o bjecto do quarto e ultimo baixo relevo do pedestal.»

... «Os baixos relevos—continua o parecer—que decoram as quatro faces do pedestal foram illustrados com abundantes inscripções allusivas aos episodios commemorados. Não ha duvida que as inscripções esclarecem os assumptos tratados pelas artes plasticas, que nem tudo podem dizer ou fazer sentir; mas convem haver parcimonia no seu

emprego, muita discrepção na sua escolha.

«Assim, em vez de cobrir completamente de inscripções as quatro faces do pedestal, em todo o campo inferior aos baixos relevos, seria preferivel gravar-las apenas no quadro correspondente ao terço médio de cada face.

«Modificando algumas inscripções do projecto e substituindo outras.» —proporiam os signatarios do parecer— «as que vão em seguida justificadas.

Na face principal do monumento, illustrando o baixo relevo que commemora a celebração da primeira missa, se gravariam as singelas phrases com que, em synthese verdadeiramente lapidar, o padre Simão de Vasconcellos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, narra a circumstancia do acontecimento:

Aqui, no mais patente destes campos, junto a um rio e perto da vivenda dos indios, escolheram os padres o sitio para o seu collegio, e, por bom annuncio do futuro, disseram nelle a primeira missa aos 25 de Janeiro, dia da conversão do sagrado Apostolo S. Paulo, de cujo nome quizeram todos se denominasse o sitio, o depois se denominou a villa e o territorio todo.

«O baixo relevo d'esta face do monumento, reproduzindo os factos acima referidos, seria tratado de inteiro accordo com o teor da narrativa historica, nelle figurado, pois, os accidentes topographicos que esta menciona, assim como a casinha de palha tendo como porta uma esteira de canhas, que serviu de primeira habitação aos missionarios, e da qual faz menção, logo após o trecho acima citado, o mesmo Simão de Vasconcellos.

«Como inscripção elucidativa do baixo relevo que adorna a face lateral direita, representando o trabalho da catechese, e dedicado á pessoa de Anchieta, que é alli posta em

verdadeiro destaque, nenhum trecho se pôde achar na literatura nacional mais adequado ao assumpto do: que os bellissimos versos do poema *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*, de Fagundes Varella.

... «Para inscripção do baixo relevo da face posterior, representando o ataque da villa e a sua valorosa defesa dirigida por Tibiriça, escultpura particularmente consagrada ao valente chefe guayanaz», — acha o parecer — «apropriadas as referencias a Tibiriça que se lêem na citada chronica de Vasconcellos.

... «Finalmente, na face lateral esquerda, onde o baixo relevo recorda o episodio da embaixada de paz de Nobrega e Anchieta junto aos Tamoyos, iria bem a inscripção composta dos seguintes versos do poema de Domingos de Magalhães, *A confederação dos Tamoyos*:

«... A vós sem armas
Nós, ministros de Deus, nos entregamos,
Sabemos que sois bons, quanto sois bravos
E que jamais Tamoyos recusaram
Agasalho seguro ao estrangeiro.
Mas se quereis em nós, que vos buscamos
Com propostas de paz, vingar affrontas
Que os nossos vos têm feito: óia Tamoyos
As flechas alvejai, qua a recebel-as
Expostos aqui estão imbellos peitos
Sem que os defendam estas mãos inornes.»

«Tendo o artista collocado no friso, entre o pedestal e a columna, correspondendo ás quatro faces do monumento, quatro medalhões com as effigies de Martin Affonso, Manoel de Paiva, Leonardo Nunes e Vicente Rodrigues, propõe o parecer, entre outras modificações além das já citadas inscripções, que nesses quatro medalhões do projecto «se esculpiriam as effigies de D. João III, Rei de Portugal; Julio III, Summo Pontifice da Igreja; Mem de Sá, Governador Geral do Brasil; e Martin Affonso de Souza, Fundador da Capitania de S. Vicente. Nos intervallos dos medalhões, na mesma linha circular, se gravariam os nomes dos quatro benemeritos missionarios: padres Manoel de Paiva, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues e Luiz da Gram.»

Si a commissão geral concordar com a opinião exarada no parecer pelos abalisados doutores, a cidade de S. Paulo adquirirá com a construcção dessa importante obra de arte, um monumento digno de seu progresso e que attestará a cultura e gosto dos iniciadores e executores de tão bella idéa.





A INNOCENCIA



A Vingança

IV

A LIBERDADE

O signal collocado no alto da torre da abbadia de S. Victor de Marselha acabava de indicar que muitos navios se achavam promptos para entrar no porto; o povo se apinhava no caes, e procurava reconhecer pelo velame, e pela carreira estes navios, impellidos por um vento fresco. No meio desta ruidosa multidão um pequeno grupo silencioso se conservava de parte: era uma mulher que trabalhava vestido preto e toucado das viúvas; uma donzella timidamente apoiada sobre sua mãe, e um lindo menino de doze á treze annos, que brincava distraidamente com um grande galgo. Um velho criado estava de pé atraz delles, e todos seguiam ardentemente com os olhos as brancas velas que se aproximavam cada vez mais, embaladas sobre as ondas, agitadas pela briza da manhã.

Via-se desenhar sobre o ar o fino tecido das enxarcias; as formas differentes dos tres navios se tornavam visiveis; distinguiam-se depois as cores dos pavilhões arvorados na proa.

Um piloto experiente gritou enfim:—Louvada seja Nossa Senhora da Guarda! Eu reconheço a primeira embarcação: é o *Navio Feliz*; vem de Palermo, e nos trará noticias do Senhor d'Anjou, marido da Senhora Beatriz de Provença.

—E a segunda, interrompeu um velho; é a caravella *Santa Maria*; vem de Smyrna com fructas e essencias.

Com effeito os dous navios annunciados não tardarão á entrar no ancoradouro com as acclamações dos curiosos.

O terceiro, mais carregado, tinha ficado atraz, e luctava contra o vento, já menos favoravel.

A viúva e seus filhos o olhavam sempre com anciedade, posto que a pobre Senhora dissesse repetidas vezes:

—Vossa esperanza é inutil, meus filhos: Deus quer ainda provar-nos.

—Minha mãe! gritou de repente o menino, olhae! Vejo bem? Não é o estandarte da religião que tremula a bordo d'esse navio?...

A viúva impallideceu, e levou suas mãos ao coração, desfallecendo de alegria e de temor. O navio estava ao alcance da vista; o vento fazia ondear a bandeira que se hasteava na proa, e distinguia-se sobre um fundo branco as armas de Aragão, e a divisa: *Redemptionem misit populo suo*.

—E' o *São João Baptista*, o navio dos Redemptores! gritou o povo.

—Grande Deus! disse a viúva, será possivel! O' Virgem Santa! não permitaes que eu seja enganada em minha esperanza! Olhou ainda, e viu sobre a tolda um homem vestido com um manto branco!

—Minha mãe! disse a donzella, é elle! é esse sacerdote!

Ha um captivo a bordo.

—Viva! Viva! disseram os marinheiros e os pilotos atentos: Graças á Nossa Senhora da Guarda! O captivo ha de dependurar suas cadeias a seu altar!

A Sr.^a chegou-se á beira da praia; uma nuvem cobria seus olhos; não ousava olhar receando não vêr o esposo ha tanto tempo esperado; porém as aclamações de seus filhos e do povo a obrigaram a levantar os olhos... O navio estava no ancoradouro, um homem desembarcava, um homem pobremente vestido, com os pés descalços, e os pulsos carregados de ferros, mas com a fronte radiante.

Elle soltou um grito, deu alguns passos, e cahiu, louca de alegria, nos braços do captivo. Elle a apertou contra seu coração, abençoou com um signal seus filhos, que, prostrados, se esforçavam por tirar-lhe as cadeias que elle arabava de reassumir; porém voltando-se immediatamente, e apontando para o religioso, que sahia da galera, gritou em alta voz:

—Minha mulher, meus filhos, se me amais, amai, e bendizei este religioso; eu lhe devo a liberdade, eu lhe devo a vida... Todo aquelle que ama Melfort, ame este homem de Deus!

E como o padre redemptor queria retirar-se, o cavalleiro o deteve vigorosamente pelo braço, e disse ainda mais alto:—Elle buscou me até nos confins do grande deserto, para onde meus senhores me tinham levado; encontrou-me quasi morto da peste negra. Sem temor, sem repugnancia, velou á minha cabeceira; salvou-me por seus cuidados, e ainda mais por sua tão boa amizade. Os infieis não se achavam satisfeitos com o meu resgate... elle se offereceu para ficar captivo em meu lugar; porém eu juro por Deus e por sua bendita Mãe que eu não o teria consentido! Eis o que elle obrou por mim, e eu quero, vós me entendeis, meu filho, que todo aquelle que tiver o

nome de Melfort, seja de hoje em diante o amigo e o servidor da Santa Ordem das Mercês!

Quando elle acabava de pronunciar estas palavras, um burguez vestido de um saio, e de um capuz de panno, adiantou-se bruscamente, e disse:

—Sois o Senhor de Melfort? Sabeis o nome do vosso redemptor, Senhor?

—Chama-se frei Berenger: não o conheço com outro nome.

—Pois eu vol-o direi. Chama-se Berenger, Senhor de Elvar, d'Elvar, ouvis-te!... Ah! meu caro amo! meu caro Senhor! ajuntou o burguez banhando de lagrimas a mão do religioso, eu vos reconheci!

Melfort tinha recuado, possuido de espanto; olhava o religioso com uma especie de terror, como se um morto sahindo da sepultura tivesse apparecido a seus olhos.

—Berenger d'Elvar! disse-lhe enfim; será verdade?

—Se é verdade? Eu teria reconhecido meu Senhor, ainda no meio de um exercito, gritou Jaques Leronge (pois era elle) fui outr'ora seu vassallo, seu feudatario; elle libertou-me e me enriqueceu; sou agora homem livre e burguez d'esta cidade... E' o meu bemfeitor.

—E o meo! disse Melfort cahindo aos pés de Berenger. Servo de Deus é verdade o que ouço? Postes vós, que me salvastes com perigo de vossos dias... á mim!... á mim!... Vós sabeis quem eu era, e tendes continuado a ajudar-me com vossos beneficeios!

—Não vos humilheis diante de um peccador, meu irmão, disse Berenger levantando o cavalleiro; esqueçamos o passado, e pegamos a Deus que perdoe nossas reciprocas offensas.

—E' o vosso perdão que eu imploro para ousar esperar o de Deus, replicou Melfort; porém sabej, depois do dia em que, para vingar as offensas de meus paes, puz sobre os vossos paes mãos vic-

lentas, desde esse dia fatal, não tive mais noites tranquillias. e a propria felicidade, que me tinha sido outorgada pelo céo, se enchia de amargura... Espero entretanto com confiança, ser absolvido, se vós me perdoardes.

— Recebei este abraço como o signal de minha amizade, disse Berenger, apertando em seus braços aquelle que foi o inimigo de sua casa, e vinde ao altar, onde eu vou offerecer a santa victima, receber o testemunho das misericordias do vosso Deus!... Vinde, acompanhai-me!

Dirigiram-se para a capella de Nossa Senhora da Guarda, seguidos de Jaques Lerouge, e de uma multidão de povo. O captivo dependurou suas cadeias aos pés da

imagem miraculosa, e meninos as substituíram, segundo o antigo costume, por uma grinalda de flores. A missa começou; Berenger d'Elvar, o filho, o discipulo de S. Pedro de Nolaseo, immolou sobre o altar, uma ultima vez, as lembranças do odio, e de recentimento, e, quando unido ao Salvador dos homens depoz a hostia santa sobre os labios de Melfort, esses descendentes de duas raças inimigas tinham desaparecido.

Elles não eram mais que irmãos unidos pelos laços da divina caridade, pelos sacrificios da mais sublime virtude, e pelo arrependimento o mais humilde e o mais profundo.

FIM



Roteiro da navegação

100

Rio Paraguai

De Itapicú Cassá para cima

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de

ESTEVÃO de MENDONÇA

IV PARTE

(Continuação)

5 de Setembro

De Olimpo para cima.

1º Entra na margem esquerda hum braço (riacho sará) que em tempo de agoas corre e vai sair na boca que se vê na extremidade inferior do estirão abaixo de Olimpo.

2º Segue-se a bacia de *las Animas* que ajunta-se ao riacho sará, depois de ter recebido hum pequena sangra vinda do campo.

Faltava-me examinar o *Rio Branco* e outro que parece vir do NE. Julguei conveniente principiar por este.

Dia 6. Subi pois o Paraguay até a foz do dito rio, onde observei a Latitude de 20° 56' 49". Tem ali como 30 a 40 braças de largura. Subi todo o resto do dia pelo dito rio, que corre entre vastíssimas e alagadiças campanhas, notei só dons pequenos capões. A largura decresce de 15 a 10 braças; o fundo he (menos n'hum lugar) de 4 palmos para mais. Vi muitos e recentissimos rastros de gente que supuz (como se verificou) pertencer á horda de Caduêcos do Cacique Tacadauana.

Dia 7. Pela manhã cedo continuei a subir, mas logo baixios dificultarão a navegação; em algumas partes espraçou muito o rio, e no estreitissimo canal havia apenas 1 a 1 1/2 palmo de agoa. Entretanto como eu tinha deixado as barcas e a canoa na foz do Rio Branco, e hia com o batelão e a conoinha, prosegui a fim de ver se alcançava hum morro com-

prido e pouco alto que chamão do *Páira* e que avistava por entre a fumara.

Pelas 8 horas ouvi o latido de hum cão, e pouco depois apparecerão-me meia dúzia de Indios a cavallo, que vierão galopando para nós.

Saudámo-nos mutuamente e perguntei-lhes por Tacadauana, que logo veio com numerosa comitiva. Erão em tudo hums do homens armados de lanças, flechas, porretes, e algumas (muy poucas) espingardas. Disserão-me que estavam de festa desde a vespera em que tinham hido ás Salinas comprar agoardente de gente nossa que ali está fazendo sal. Perguntarão-me a que andava fazendo por ali, e como lles respondesse que procurava caminho por terra para Miranda, Tacadauana offereceu-me gente e animaes para conduzir-me. Convidou-me e instou para que fosse até a aldeia que dista hum tiro de alabuz. Porém conhecendo eu a indole traçoira dos Caduêcos, e receando tanto mais destes quando sahirão de Albuquerque ha nove mezes attribuindo á gente nossa a morte de um dos seus chefes, e porque enfim era natural que suppozessem que os andava espiando, guardei-me bem de aceitar. Demais como o motivo que me fazia proseguir era meramente de curiosidade, pois o fim util cessára com a appareição dos baixios, resolvi voltar atraz: mimosiei-os com o que tinha, agoardente, vinho, farinha e charutos, e despedi-me depois de ter obtido as seguintes informações, por intermedio de alguns que fallão um pouco portuguez, e de um Cabo que sabe algumas palavras do Guaycurú.

Este rio chama-se de Nabilek (Nabilek he hum alto morro da Serra que se avista de varios pontos na viagem de Olimpo a Coimbra)—Quanto mais para cima mais se espraia e torna-se baixo.—Não chega a abeirar o citado morro do Páira, cuja distancia avalio em 2 ou 3 milhas.—He este mesmo rio que em tempo d'agoas, por via de bacias, pirizaes e corixas, communica com o Paraguay entre Coimbra e Albuquerque.—O Verdadeiro Rio Branco desfaz se em huma multidão de braçinhos que se perdem no campo antes de chegar ao Paraguay.—Do morro do Páira ao terreno montuoso ha em todo tempo caminho por terra.

Voltei ás Barcas:

Dia 8. No dia seguinte muito cedo sa-

hi outra vez com o batelão e a conoiuba para reconhecer o chamado Rio Branco. Passei logo, e em pequenas distancias dous bracinhos do Paraguay, que alluam n'elle, e lhe dão a apparencia de ter corrente; logo acima ha a direita e a esquerda algumas pequenas bahias, passadas as quaes, a largura que na boca he de como 100 braças, reduz-se a 15 mais ou menos, porem bom fundo de 4 a 5 palmos para mais. De hum e outro lado campos limpos; algum bamburral nas margens.

A's 11 horas tendo andado como 10 a 12 milhas, achei que o canal que seguia dividia-se em dous ramos: hum a N. que mostrou ser entupido de agoapé, e outro a Leste que segui. A largura tem de 8 braças para menos: e principiarão a apparecer alguns baixios. Elevarão-se tão-bem as margens até ter em algumas partes o barranco de 15 palmos para mais; e apparecerão alguns carandás, e arvores de Paratudo.

Ao meio dia parei para comer; a huma hora continuei a navegar por esta compridissima sanga, que foi-se tornando de cada vez mais estreita, baixa e immundas as suas estagnadas agoas.

A's 3h. 15m. cheguei ao lugar em que a largura total não passa de 3 braças e a do canal de 5 a 6 palmos com um de fundo.

Barrancos de, como já disse, 15 palmos mais ou menos, vestidos de Carandás e Paratudo.

Debalde procurei, dos lugares mais altos, marcar a direcção de Olimpo, Paca, Nabilek ou qualquer morro da Serra; a fumaça era tal que nada se distinguia a 1 milha de distancia. Dei por acabada a exploração e retrocedi. Cheguei as Barcas á meia noite. — 9 de Setembro de 1846. — *Augusto Leyerger*.

He este *Roteiro* o commento da carta que o acompanha, e sem o qual ficaria pouco intelligivel.

Para poder, em qualquer época do anno, navegar o rio Paraguay; desde a foz de S. Lourenço até o Paraná, deve a embarcação em que se fizer esta navegação não demandar mais de 6 palmos de agoa, pois lugar ha onde, em tempo de secca, escassamente se achão os ditos seis palmos.

A navegação da Villa da Conceição

ao Forte de Olimpo mensalmente praticada, desde muitos annos, pela balandra que leva viveres ao dito Forte, he bem conhecida; e ainda melhor a da Conceição para baixo. He de pessoas muito praticas de huma e outra que obtive as informações que servem de base a este *Roteiro*.

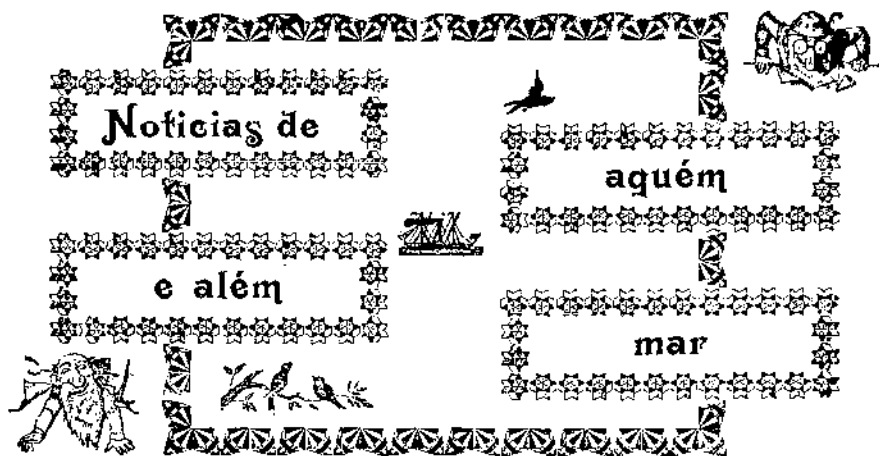
Quanto á parte do Paraguay comprehendida entre Olimpo e a foz do S. Lourenço, consultei a minha propria experiencia; as sondas que refiro com alguma minuciosidade forão por mim tomadas em occasião opportuna, isto he, estando baixas as agoas do rio. De Olimpo para baixo, deixo de indicar os palmos de fundo porque o tempo e as circumstancias me não permitirão continuar a mesma sondagem, que de pouco ou nada serve não sendo effectuada miuda e opportunamente; sondagem que, alias, parece-me, de algum modo, dispensavel; por quanto, admittido que a demanda de agoa da embarcação em que se navega não deva exceder hum certo limite (já indiquei o de 6 palmos), basta saber quaes são os canaes em que encontrar-se-ha *pelo menos* essa profundura. He em relação ao dito limite de 6 palmos que se devem entender as expressões *bastante fundo, muito fundo* etc., cujo sentido, sem esta advertencia, ficaria vago.

Os canaes que indica o *Roteiro* são em geral os mais profundos e limpos. Entretanto muitas vezes, e principalmente navegando agoas acima, preferem-se outros canaes por serem menos extensos ou por melhor prestarem-se ao uso das velas, varas; espia ou sirga. Só a experiencia pôde ensinar estas e outras particularidades.

Além dos baixios e pedras, que obstruem o leito do rio, encontrão-se, com bastante frequencia, arvores cahidas que formão temporarios escolhos: que tem por vezes causado graves avarias.

(Continúa)





Monsr. Duchesne

A eleição de Monsr. Duchesne para occupar, na Academia franceza, a cathedra do Cardeal Mathieu assigna-lhe um confortante regresso da mesma Academia ás suas augustas tradições, sendo Duchesne bem conhecido dos estudiosos pela poderosa e versátil operosidade do seu agili intellecto, a qual tem produzido notavel influencia no desenvolvimento da historica cultura, porque não se limitou á arida interpretação dos documentos historicos, mas tem-se mostrado como a alma dos tempos na sua profunda e multiforme complexidade de obras e de ideias.

O *Histoire ancienne de l'Eglise*, o douto commentario do *Liber Pontificalis* ao qual é devida a definitiva edição da obra fundamental, o *Bulletin Antique*, e outras ensignes publicações de historia ecclesiastica, são muito mais apreciadas na Italia do que no seio daquella França, onde os alegres novelheiros, os medioeres dramathurgos e os politicantes mundanos acham predilecções e adquirem echo.

Director desde muitos annos da Escola de Roma, Monsr. Duchesne pôde chamar-se romano pelas affectuosas relações por elle mantidas com aquella cidade dos espiritos cultos a cujas magnificencias historicas e litterarias está informado, e de cujas classicas tradições é consciencioso admirador. Pela Roma o historiador illustre nutriu sempre um culto de filial devoção; as grandiosas memorias da eterna cidade que envolveu muitas vezes, nos seus destinos, os da humanidade inteira, deviam seduzir o proprio espirito eleito, tão facil para acolher toda a mais pura inspiração de

belleza e para comprehender a intima virtude da alma de Roma na cosmopolitica actividade da Urbe.

No prelado amavel e genial que escreve com colorido vigor de estylo volumes cheios de profundidade e de doutrina, a Academia de França adquire não um homem do mundo ou de theatro, não um historiadador de romances, ou um parlamentar que leva a flor no peito; mas um engenheiro preclaro que honra a França, a Igreja, o saber, e é um dos mais fideis interpretes da alma romana.

Tratamento da tuberculose pelo trabalho physico

Até ao presente tem-se curado a tuberculose por meio de uma alimentação muito regulada, e ás vezes de uma superalimentação á qual se accrescentava o repouso completo em uma *chaise longue* exposta ao ar.

Agora, parece, descobrirem um novo methodo de curar a tuberculose por meio do exercicio: é o contraste do primeiro. Neste ultimo caso submette-se ao repouso rigoroso até desaparecer a febre e sujeita-se então ao trabalho physico quotidiano e graduado.

Para começar, o primeiro exercicio é o passeio de 1, 2, 3 kilometros, augmentando-o todos os dias de uns cem metros até chegar a 10, 12, e 15 kilometros. Neste meio tempo o doente vae-se exercitando em alguns trabalhos manuaes. Se o doente os supporta sem reacção febril, começa então o verdadeiro tratamento do traba-

lho. Este tratamento comporta 5 graus e cada grau dura cerca de tres semanas. Só depois deste tempo é que se passa ao segundo grau.

O primeiro grau consiste em levar 80 vezes por dia, um cesto carregado a uma distancia de 50 m. n'uma subida de 5 m. de declive, na primeira semana a carga é de 12 arrateis, na segunda semana 18 e na terceira 24, sempre no mesmo plano inclinado e á mesma distancia. O segundo e o terceiro graus são os destinados ao trabalho. O doente deve encher de terra uma corroça de 2 a 5 m³, lançando-a como um trabalhador, á altura de 2m. As primeiras pásadas, durante 8, 10 ou 15 dias, lançam-se com uma pequena pá e durante 2 horas; depois pega-se na verdadeira pá e continua-se o trabalho durante 6 horas por dia. Só estes trabalhos é que convêm porque põem em jogo todos os musculos da parede thoracica e elevam ao maximo a penetração de ar puro nos alveolos pulmonares.

Tal é o principio do tratamento pelo trabalho que já tem sido empregado por seus inventores com resultados não inferiores aos que dá o tratamento pelo repouso.

Lourdes

A perturbação dos catholicos que amam as glorias da Virgem S. S. Mãe de Deus, motivada pela duvida que um decreto municipal fecharia ao culto publico o celeberrimo Sanctuario de Lourdes, verdadeira fonte de prodigios continuos, desappareceu.

Um decreto emanado pelo Municipio de Lourdes, em data de 9 de abril ultimo passado, deixa á disposição da autoridade Ecclesiastica como «*deposito intangível*» o dito Sanctuario afim de que n'elle se exerça livremente o culto catholico e se organise qualquer manifestação religiosa.

Resultados do Esperanto

O ultimo congresso internacional catholico de esperanto, realizado em Pariz, mostrou á evidencia a grande utilidade deste idioma. Para futuros congressos internacionais não será mais preciso falar em 5 ou 6 linguas. O resultado foi excellente. O es-

peranto é proprio para todas as discussões como se vê dos seguintes assumptos, entre outros, alli tratados:

i. A união das diversas seitas acatholicas com a santa Sé—discutido por um presbytero anglicano e um russo orthodoxo.

ii. Pronuncia do latim—elegeram, para os catholicos, a pronuncia romana.

iii. Projectos de collectas.

iv. Questões sociaes e philanthropicas. Marcaram definitivamente o regulamento da T. K. U. E.—Tutmonda Katolika Unuigo Esperantista—que já tem congregações em: França, Inglaterra, Hespanha, Russia, Italia. A T. K. U. E. foi incorporada á U. E. A. Universal Esperanto Asocio.

Os Benedictinos no norte

A interessante e bellissima Revista Catholica "*Vozes de Petropolis*" respondendo a um assignante que perguntava-lhe: como ficaram os Benedictinos no norte, assim se exprime... Pensa que lá acabaram as funções religiosas? Pelo contrario. Um dos sacerdotes perseguidos communicou o seguinte: O povo, que antes da perseguição, era muito refractario aos S. S. Sacramentos, ficou muito bem disposto agora; por ex. em Majusy houve na ultima visita 426 baptizados, entre os quaes 370 de indios, que tem muita affeição aos sacerdotes. Agora elles podem respirar, visto, não terem mais de aguentar os ataques de que eram victimas. A força federal pôz termo aos maos tratos, que soffreram os indios. Ha muitas conversões, confissões, communhões e muitos casamentos legitimados. A historia contemporanea e a historia antiga comprovam que as perseguições têm sempre effeito contraproducente ao que desejariam os inimigos da Igreja.

Sacerdote e herói

O R. P. Courardy, o grande missionario helga, o apostolo dos leprosos chinezes contrahiu a terrivel molestia. O corajoso e intrepido sacerdote depois de uma campanha de conferencias na Europa e na America, regressou junto aos seus queridos leprosos, installando para elles um vasto hospital em uma ilha a 60 kilometros de

Canton. Viviam alli 506 leprosos tendo como pastor, pae, medico, intendente e provedor o santo missionario.

Attingido pelo mesmo mal, o padre Conrardy, já começou a sua gloriosa agonia. Houra ao heróe christão, ao sacerdote exemplar, ao martyr da caridade a mais admiravel!

Roma

Consta que S. Santidade o Papa Pio X reabrirá em 1912 o Concilio Reunido, interrompido em 1870, tratando nessa solemne assemblea universal de prelados, de importantes questões dogmaticas da Igreja.

A conversão do prof. Ruville

Foi grande a alegria dos catholicos pela conversão do sr. Ruville, professor na universidade de Halle, occorrida no outomno de 1909. Ruville é um egregio professor na dita universidade, a qual é inteiramente protestante.

Elle embora cercado por mil difficuldades, devido ao estado profundo e apurado chegou a estrada, que o conduziu à Igreja catholica; e espoz em escripto publico a vereda que seu espirito seguiu até a conversão.

Neste escripto elle se queixa em modo especial dos seus mestres, parochos, e professores por haverem-lhe desde sua tenra idade enchido a mente de ideias falsas concernentes ao catholicismo; e ainda mais pelo continuo falar que os mesmos fazem, e sempre com o maior desprezo para com uma doutrina que desconhecem.

Ruville tem nisto toda razão: mas entretanto as coisas vão assim desde o seculo XVI. A ignorancia dos protestantes concernente a tudo que diz respeito aos ensinamentos da Igreja catholica, foi já uma das causas principaes de Kulturkampf, e tambem actualmente é o obstaculo mais forte á actuação de uma politica verdadeiramente conservadora.

Os protestantes não cessam na escola, na igreja e na imprensa, de encher a cabeça dos povos protestantes com falsos conceitos com relação aos seus concidações catholicos, de maneira que os mes-

mos acabam por temer e ter em horror tudo que é catholico.

Ha dois annos o professor Sell da universidade de Bonn, theologo protestante, dava á luz um escripto intitulado «Catholicismo e protestantismo» no qual reprovava nos catholicos de não serem sinceramente amantes da verdade, e isto tanto mais, quanto mais fieis são para com a Igreja.

Sell com isto espõe tudo o que pensam multissimos protestantes. Especialmente nas regiões protestantes do norte, não acabam de repetir ao povo: os catholicos são todos mentirosos. E esta guerra começou desde os primeiros annos da infancia.

Eis a verdadeira origem da tanta diffiduldade, que o catholicismo tem de sustententar na Alemanha e do sentimento de odio e de desprezo que tambem domina o coração dos protestantes crentes. E' um verdadeiro monte de prejuizos que lhes atravessa o caminho.

Na primeira metade do seculo XIX converteram-se na Alemanha um grande numero de protestantes doutos e de alta nomeada: este salutar movimento hoje pode-se dizer acabado, e isto se deve á liga evangelica, a qual não acaba de excitar o odio contra a Igreja catholica ajudada pela imprensa liberal posta ao serviço da dita liga.

Porém o numero de conversões de protestantes de outros paizes para o catholicismo, hoje é extraordinario, e compensa a deficiencia de conversões que se operam de presente na Alemanha, e devemos esperar ver brevemente oitocim n'aquelle imperio a multiplicidade de outrora.

Um facto de Litré

E' referido pelo Sr. Legouvé, membro da Academia Franceza. No dia do nascimento de sua filha—refere elle—Litré disse á esposa:

—Cara amiga, és catholica fervorosa e praticante. Educa nossa filha em tuas piedosas ideias. Só estabeleço uma condição: no dia em que ella perfizer quinze annos, has de trazer-m'a para que eu lhe exponha as minhas ideias, e ella escolherá.

—A' Senra. Litré acceitou.

Passam-se os annos e em certa manhã entra ella no gabinete do marido.

—Lembra-te do que me pediste e eu te

prometti? Venho cumprir a minha promessa. Tua filha está alli, prompta para ouvir-te com todo o respeito e toda a confiança que lhe inspira um pai bem querido e venerado. Queres que ella entre?

—Oh! sim de certo... Mas para que? Para que eu lhe esponha as minhas ideias? Não, não mil vezes não. Como! Fizeste de nossa filha uma creatura boa,terna, simples, justa, instruida e feliz... Feliz! esta palavra que n'um ente puro resume todas as virtudes! E julgas que vou lançar as minhas ideias atravez dessa felicidade e dessa pureza! Minhas ideias! Minhas ideias! São boas para mim... Quem me diz que não haveria o perigo de abalar ou destruir a tua obra? Oh! Sim, entre nossa filha, querida mulher, mas para que eu te abençoe perante ella por tudo que em prol della fizeste, e para que ella ainda te ame um pouco mais do que antes.

Seguiram-se os dias e Littré morreu christão.

O Clero e a acção social catholica

Muitos ha entre nós, ainda, que são de opinião que o clero não deve tomar parte na acção social, mas occupar-se unicamente com as funcções do sacro ministerio, a visita dos doentes, e mais nada.

«O Padre deve ficar na sacristia» dizem elles. Quando muito, poderá socorrer os pobres com suas esmolas, ou desempenhar o papel de ouvinte mudo n'uma conferencia litteraria, mas com isto tambem deve limitar-se toda a sua actividade.»

Felizmente não é esta a opinião do nosso reinante Papa Pio X.

Bem o sabemos, pois que ninguem foi mais activo do que elle quando simples Vigário, ou quando Patriarcha de Veneza. Esta opinião do Papa, que foi tambem a nossa,—de que em nossos dias o Padre não pôde ficar fechado na sacristia, mas, torçosamente ha de dirigir-se ao povo, empregando sua actividade para a elevação espirital e social, em qualquer occasião que o possa fazer,—novamente vemos confirmada pelo decreto 31 de Dezembro de 1909, sobre os relatorios que cada quinquennio os Bispos devem enviar a S. Sé.

No VII capitulo d'esses relatorios devem informar sobre as freguezias e o modo de exercer-se n'ellas o sagrado ministerio, respondendo a estas perguntas:

51. Esforçam-se os Vigários para roho-

rar seus fiéis na fé... e favorecer entre elles os bons costumes e a pureza da vida christã?

«E para alcançar este fim, empregam elles outros meios além dos deveres habituaes do seu munus parochial, como são:

A instituição ou, pelo menos, a conservação de obras sociaes que trazem o espirito da igreja?

O capitulo XV trata das obras pias e sociaes e pergunta:

143. Existem na diocese as obras chamadas sociaes, nas quaes, além dos interesses religiosos e moraes dos fiéis, se trata tambem dos seus interesses materiaes e temporaes, como sejam asylos da infancia, patrimónios para a mocidade de ambos os sexos, circulos catholicos de estudantes, associações de operarios, de lavradores, pias associações de senhoras com este ou outro fim religioso, sociedades de soccorro mutuos, caixas economicas e outras instituições deste genero?

144. Prestam e, nas associações e estas obras sociaes e principalmente os seus directores, a devida obediencia aos Bispos e a S. Sé?

145. Tem-se bastante cuidado que aquelles que estão a frente destas associações e obras, sejam catholicos, não só de nome, mas realmente de coração? E com respeito aos membros ou aquelles que recebem os beneficios temporaes dessas associações, zela-se que elles se afastem dos vicios, se instruaem na doutrina religiosa, e levem uma vida christã?

146. Presta-se bastante attenção nessas associações catholicas não sejam admittidos membros de seitas secretas, incredulos, impios ou adversarios da religião, que possam conduzir essas associações em caminhos contrarios á fé e á justiça?

Até aqui esta peça importantissima. Fazer commentarios seria enfraquece-la. Para nós deve ella ser a occasião de um exame de consciencia muito serio sobre o pouco que temos feito e o muito que resta ainda a fazer.

Estas perguntas, feitas aos Bispos pela autoridade suprema da Igreja, mais uma vez nos provam o quanto o Papa se importa que o clero não se conserve na indifferença e afastamento do grande movimento catholico social que, tambem entre nós está iniciado. O clero deve ser o primeiro a interessar-se pelas necessidades e situação actual do povo.

Observações feitas as 0h. M. de Greenwich

NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E

transmittidas diariamente ao observatorio "D. BOSCO"

LAT.—22° 54' 32" S. LONG.—43° 10' 34" W GRW. ALTITUDE —64m, 150

Hora local 9 h. 07m a.

Julho 1910	Barometro		Thermometro							Vento		Estado atmosphérico	Meteoros	Nuvens quantidade
A 0°	Seco	T—T.	Humidade relativa	Tensão do vapor	Marinha	Minima	Oscillação na temp.	Diracção	Força (escala Beaufort)					
1	63.70	17.8	1.0	90	13.62	21.4	19.4	2.0	N	2	inc	x	10	
2	62.60	16.2	0.8	91	12.53	22.3	16.7	5.6	NNW	2	b	nvt	10	
3	60.60	15.5	0.6	93	12.26	24.3	16.7	7.6	NW	2	inc	ny	10	
4	58.80	17.7	2.4	76	11.48	21.4	15.2	6.2	NNW	2	b	x	0	
5	60.00	17.7	0.2	98	14.75	21.6	14.9	9.7	"	2	"	nyth	0	
6	62.00	19.4	1.4	87	14.50	22.4	15.5	6.9	N	2	"	rl	0	
7	61.60	18.9	1.8	83	13.41	22.8	17.6	5.2	"	0	inc	x	10	
8	59.50	17.8	1.8	82	12.44	20.4	16.4	4.0	NNW	2	b	"	5	
9	54.00	19.0	0.8	92	15.07	23.6	17.4	6.2	NW	2	inc	ny	10	
10	54.10	18.8	2.6	75	12.19	28.0	16.0	12.0	"	3	"	x	8	
11	57.10	17.7	1.0	90	13.56	20.7	14.3	6.4	WNW	2	"	cor. s	1	
12	58.50	17.4	0.8	92	13.68	19.8	16.5	3.3	NW	2	inc	nyb	9	
13	58.20	17.5	0.4	96	14.27	20.6	16.6	10.0	"	1	"	ny	10	
14	60.00	19.3	0.8	92	15.37	20.8	16.7	13.1	NNW	1	"	nyth	10	
15	55.50	20.7	1.4	87	15.79	21.9	18.7	3.2	SE	2	b	x	3	
16	55.60	20.9	1.2	89	16.31	24.2	19.0	5.2	"	0	inc	"	10	
17	59.80	18.4	1.8	82	12.93	20.9	19.0	1.9	NW	2	b	nyth	3	
18	62.80	17.7	2.6	74	11.20	21.3	17.4	4.3	"	2	"	x	2	
19	65.30	16.7	3.6	64	9.05	21.2	16.4	4.8	NW	2	"	chuv.	3	
20	66.40	17.0	3.4	65	9.52	18.3	14.8	3.5	NNW	2	"	nvt	7	
21	64.00	18.5	3.8	63	10.16	20.2	14.7	5.5	"	2	"	x	10	
22	65.10	17.1	1.4	85	12.43	19.0	15.5	3.5	"	0	inc	ny	10	
23	59.80	16.2	0.6	93	12.81	18.1	16.1	2.0	NNW	2	b	"	10	
24	57.70	19.4	1.2	88	14.82	25.6	15.8	9.8	NW	4	inc	x	8	
25	61.10	20.1	1.6	85	14.88	25.8	18.8	7.0	"	1	b	"	3	
26	57.80	18.9	1.4	86	14.02	20.9	18.4	2.5	NNW	2	"	nyth	10	
27	62.90	20.4	1.2	89	16.82	26.6	17.6	9.0	NW	2	inc	ny	10	
28	62.10	21.2	3.0	73	13.72	21.7	19.8	1.9	"	0	b	x	3	
29	58.20	20.6	1.6	85	15.37	22.6	19.0	3.6	NNW	2	"	nvt	3	
30	61.00	20.7	1.2	89	16.11	20.0	19.5	9.5	SSW	1	mat	chuv.	10	
31	63.80	17.7	1.4	86	12.95	23.1	17.2	5.9	E	1	inc	x	10	
Med.	60.31	18.5	1.6	87.1	13.48	22.8	17.0	5.8	—	1.7	—	—	7.0	

Observações particulares

Choven, a intervallos, no correr do dia 12 assim como parte da noite
Houve ch. trs. rls. na noite do dia 15 e na madrugada do dia 16— foram
chuvosos os dias 19, —24, de noite e 30 de manhã.

OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Offícios

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Sylvio Milanese

Observações feitas durante o mez de Julho de 1910.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235m, 02 LATITUDE 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de observações por dia às 7 a. m., às 2 e 9 p. m. hora local

TABELLA I

Julho 1910	Pressão barométrica reduzida á 0° cent. + 700 ^{mm}					Temperatura centigrada. á sombra				TEMP. SOL. OSCILLACÃO	Humidade relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da Temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	49.22	43.74	48.01	46.99	5.48	24.4	29.4	19.5	9.9	13.2	69	38	60	53.6
2	49.00	44.03	47.07	46.70	4.97	24.3	30.0	18.6	11.4	15.5	71	37	62	56.6
3	47.98	46.56	47.26	47.26	1.42	24.6	30.2	19.0	11.2	15.2	69	39	60	56.0
4	47.43	43.86	46.72	46.00	3.57	23.6	29.5	17.8	11.7	18.0	72	33	57	54.0
5	48.74	43.96	48.04	46.91	4.78	23.2	28.4	18.0	10.4	19.0	69	29	59	52.3
6	48.93	46.83	47.19	47.65	2.10	24.3	28.8	19.8	9.0	16.0	64	39	66	56.3
7	46.96	44.84	45.05	45.61	2.12	24.6	30.0	19.2	10.8	14.5	69	40	66	58.3
8	46.32	43.62	44.80	44.91	2.70	27.7	31.0	24.5	6.5	13.0	66	47	67	60.0
9	46.01	43.74	44.73	44.82	2.27	26.7	30.2	23.2	7.0	10.0	80	58	67	68.3
10	46.01	43.12	43.77	44.30	2.89	27.5	30.5	24.5	6.0	12.0	75	52	70	65.6
D. 1ª	47.66	44.43	46.26	46.11	3.23	25.0	30.8	20.4	9.3	14.7	70.4	41.2	63.4	58.1
11	44.05	43.50	44.63	44.06	1.13	27.7	32.0	23.5	8.5	10.7	76	48	66	63.3
12	45.51	44.47	44.53	44.83	1.04	28.1	32.1	24.0	8.1	10.0	75	42	63	60.0
13	46.76	43.86	45.12	45.24	2.90	26.1	28.7	23.6	5.1	9.6	81	63	76	73.3
14	45.77	43.84	45.52	45.04	1.93	27.4	31.2	23.7	7.5	13.6	77	59	69	68.3
15	47.01	44.03	46.94	45.99	2.98	24.7	29.5	20.0	9.5	7.7	75	37	64	58.6
16	50.63	45.20	50.30	48.71	5.43	21.2	25.0	17.4	7.6	9.4	64	40	54	52.6
17	50.76	49.07	50.24	50.02	1.69	20.5	24.3	17.0	7.0	11.0	68	49	66	61.0
18	46.07	44.59	50.24	46.96	5.65	21.7	25.0	18.4	6.6	13.8	75	46	69	63.3
19	50.31	47.89	49.01	49.07	2.42	24.6	28.3	21.0	7.3	14.0	71	61	67	66.6
20	49.07	43.62	46.83	46.51	5.45	27.2	31.9	22.5	9.4	11.7	71	41	61	57.6
D. 2ª	47.59	45.00	47.33	46.64	3.06	24.9	28.8	21.1	7.6	11.1	73.3	48.6	65.5	62.4
21	47.01	43.85	45.75	45.53	3.16	27.9	32.2	23.6	8.6	16.6	60	38	62	53.3
22	46.81	43.38	46.01	45.40	3.43	28.6	32.7	24.6	8.1	13.8	67	43	66	58.6
23	47.65	43.38	45.91	45.64	4.27	28.3	32.4	24.3	8.1	12.9	68	44	73	61.6
24	47.89	46.16	45.80	46.62	2.09	27.9	32.5	23.1	9.1	14.5	42	40	63	48.3
25	46.67	47.38	44.65	46.23	2.73	27.9	32.8	23.0	9.8	9.0	60	33	52	48.3
26	46.62	44.92	45.95	45.59	2.40	27.9	32.8	23.0	9.8	13.3	58	32	81	57.0
27	46.43	45.10	45.55	45.69	1.33	28.3	33.2	23.5	9.7	16.8	65	34	54	51.0
28	47.01	45.16	45.83	46.00	1.85	27.7	33.0	22.4	10.6	17.0	61	30	58	49.6
29	48.13	43.50	45.77	45.80	4.63	26.5	32.0	21.0	11.0	17.3	66	32	55	51.0
30	49.88	48.31	47.44	48.54	2.44	20.0	22.1	17.8	4.3	4.0	62	65	72	66.6
31	48.49	45.14	47.48	47.03	3.35	23.6	28.8	18.5	10.3	19.1	72	42	68	60.6
D. 3ª	47.50	45.05	46.01	46.19	2.88	26.7	31.3	22.2	9.0	14.0	61.9	39.3	64.0	55.0
MEZ	47.58	44.83	46.53	46.31	3.06	25.7	30.0	21.2	8.6	13.3	68.5	43.0	64.3	58.5

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA II

Julho 1910	Vento <i>Direção — Força</i>					Nebulosidade <i>Forma — Fração</i>					Chuva <i>Quantidade</i>	EVAPORAÇÃO <i>em 24 horas</i>	
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Medi	Abriço	Exp.				
1	—	0	E 6	N 3	C 2	—	0	—	0	0.6		2.2	5.8
2	—	0	NE 7	—	CK 1	S 4	—	0	1.6			2.4	7.8
3	SSE 2	E 2	—	0	Sc 4	Sc 3	—	0	2.3			2.0	7.2
4	—	0	S 4	E 2	C 3	C 6	—	0	3.0			2.0	5.0
5	—	0	SE 4	N 3	—	0	Sc 6	—	0	2.0		2.2	6.8
6	N 4	NE 2	—	0	—	0	S 1	—	0	0.3		2.2	5.4
7	WNW 2	W 6	—	0	—	0	" 4	—	0	1.3		2.0	7.0
8	ENE 1	" 7	—	0	S 7	NK 6	N 3	—	5.3			2.0	7.0
9	S 2	" 2	—	0	Kn 10	Cn 6	N in.	—	5.3			1.4	5.2
10	—	0	N 4	—	NK 7	NK 5	—	0	4.0			1.8	6.0
D1 *	Vr. 1.0	W 4.4	N 0.8		C 3.4	S 4.1	N 0.3	2.6				2.0	6.3
11	—	0	NE 4	N 3	Kn 6	K 4	K 1	3.6				2.4	7.2
12	—	0	N 6	—	" 6	" 4	—	0	3.3			2.4	6.8
13	S 2	S 2	—	0	" 10	Sc 6	—	0	5.3			0.4	3.0
14	—	0	" 6	N 3	Kc 4	K 4	CK 2	3.3				1.2	5.6
15	ENE 3	SE 4	S 8	8	S 2	" 9	NK 6	5.6				2.0	5.8
16	S 7	S 9	" 9	9	NK 9	Cs 6	K 8	7.6				2.4	6.4
17	" 8	Var. 6	—	0	Ks 9	S 3	—	0	4.0			1.0	5.2
18	S 6	S 6	—	0	Cs 4	Cs 5	—	0	3.0			1.8	5.4
19	—	0	E 3	—	—	0	—	0	0.0			1.4	6.0
20	—	0	W 3	—	C 1	K 6	K 3	3.0				2.0	6.4
D2 *	S 2.6	S 4.9	S-N 2.3		Kn 5.0	K 4.7	K 2.0	3.9				1.7	5.7
21	—	0	W 6	N 2	Kc 4	Ks 6	—	0	3.3			2.4	6.8
22	N 4	SE 6	—	0	Sc 1	Sc 6	Sc 4	3.6				3.4	9.7
23	—	0	NE 4	N 2	" 8	Cs 6	S-K 4	6.0				3.6	11.6
24	N 6	N 2	—	0	SK 7	K 8	K 3	6.0				2.9	9.0
25	NE 3	NE 6	—	0	Cs 2	Cs 6	—	0	2.6			3.8	11.0
26	—	0	" 3	S 2	S 2	K 8	N 3	4.3				3.0	9.8
27	ESE 1	N 5	—	0	C 1	" 4	K 3	2.6				3.0	10.8
28	—	0	WNW 3	NW 2	Sc 3	" 4	CK 2	3.0				3.4	8.8
29	—	0	SE 2	—	C 1	Cs 4	—	0	1.6			2.6	9.3
30	S 6	S 4	S 3	3	—	0	enc 10	Kn 10	6.6			1.0	2.2
31	—	0	WNW 4	—	K 3	—	—	0	1.0			1.2	6.0
D3 *	N 1.8	NE 4.0	S-N 1.0		V 2.9	K 5.2	V 2.6	3.7				2.7	8.6
Mez	N-S 1.8	Vr. 4.4	S-N 1.4		C 3.8	K 4.8	N 1.6	3.4				2.1	6.8

Observatorio meteorologico "D. Bosco" — Culabá

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Julho de 1910

Correlação dos ventos com os seguintes elementos meteorologicos							
Ventos	N. de vezes q' sop.	Alt. barometrica Media	Temperatura Media	Nebulosid. Media	Humidade Media		
N	13	46.80	26.2	2.2	59.8	Tensão media do vapor atmosferico	14 ^m /m05
NNE	—	—	—	—	—	Humidade relativa media	58 ^m /m5
NE	7	45.29	28.9	3.8	43.5	Evaporação media diaria ao abrigo	2 ^m /m2
ENE	2	46.66	23.3	4.5	70.5	Evaporação media diaria ao sol	6 ^m /m9
E	4	45.67	27.2	1.0	44.6	Maior evaporação diaria ao abrigo — Dia 25	3 ^m /m8
ESE	1	46.43	23.5	1.0	65.0	Maior evaporação diaria ao sol — Dia 23	11 ^m /m6
SE	4	43.72	30.1	6.2	35.2	Menor evaporação diaria ao abrigo — Dia 13	0 ^m /m4
SSE	1	47.98	20.6	4.0	69.0	Menor evaporação diaria ao sol — Dia 30	2 ^m /m2
S	16	46.11	24.3	6.8	59.5	Evaporação total ao abrigo	67 ^m /m5
SSW	—	—	—	—	—	Evaporação total ao sol	216 ^m /m0
SW	—	—	—	—	—	Quantidade media mensal do Ozono	—
WSW	—	—	—	—	—	Maxima da insolação	—
W	5	43.93	29.8	5.6	44.8	BAROMETRO REDUZIDO Á 0° C.	
WNW	3	45.75	25.8	1.3	47.0	Pressão media mensal	46.21
NNW	—	—	—	—	—	Maxima pressão durante o mez — Dia 17	50.76
NW	1	45.83	26.0	2.0	58.0	Minima pressão durante o mez — Dia 10	43.12
Calmas	36	—	—	—	—	Media diaria maxima Dia 17	50.02
Vento predominante S						Media diaria minima Dia 11	44.06
» menos frequente ESE-NW-SSE						Oscillação maxima diaria — Dia 18	5.65
» mais quente SE						Oscillação diaria minima Dia 12	1.04
» mais frio SSE						Oscillação media durante o mez	3.05
» de maior altura barometrica SSE						TEMPERATURA CENTIGRADA AO ABRIGO	
» de menor altura barometrica SE						Media mensal	25.5
» mais secco SE						Maxima extrema — Dia 27	33.2
» mais humido ENE						Minima extrema — Dia 17	17.0
» de maior nebulosidade S						Media diaria maxima — Dia 22	28.6
» menor E ESE						Media diaria minima — Dia 30	20.0
NUVENS						Oscillação diaria maxima — Dia 4	11.7
Formas predominantes K						Oscillação diaria minima — Dia 30	4.3
Quantidade media 4.1						Oscillação media durante o mez.	8.6
Dias claros 8						TEMPERATURA CENTIGRADA AO AR LIVRE	
Dias nublados 0						Media mensal	24.5
CHUVA						Maxima extrema — Dia 28	37.3
Numero de dias com chuva —						Minima extrema — Dia 5	15.0
Total de agua recolhida —						Media diaria maxima — Dia 11 e 24	28.1
Altura max. em 24 hors. —						Media diaria minima — Dia 30	18.0
N.º DE DIAS						Oscillação diaria maxima — Dia 31	19.1
Manifestações electricas 1						Oscillação diaria minima — Dia 30	4.0
Trovoadas —						Oscillação media durante o mez	13.7
Nevoesiros 25							
Orvalho 1							
Dias sem brilho solar 0							

OBSERVATORIO METEOROLOGICO

"Presidente Antonio Paes de Barros"

Dirigido pelos R. R. P. P. Salesianos em Araguaya — Matto-Grosso

Observações feitas durante o mez de Maio de 1910

Altitude approximada da Localidade: 488.^m — Latitude approximada: 15° 3' S.

Longitude approximada: 8° 2' (W do Rio)

N.º DE OBSERVAÇÕES POR DIA: AS 6 A. M., AS 2 E 8 P. M. HORA LOCAL

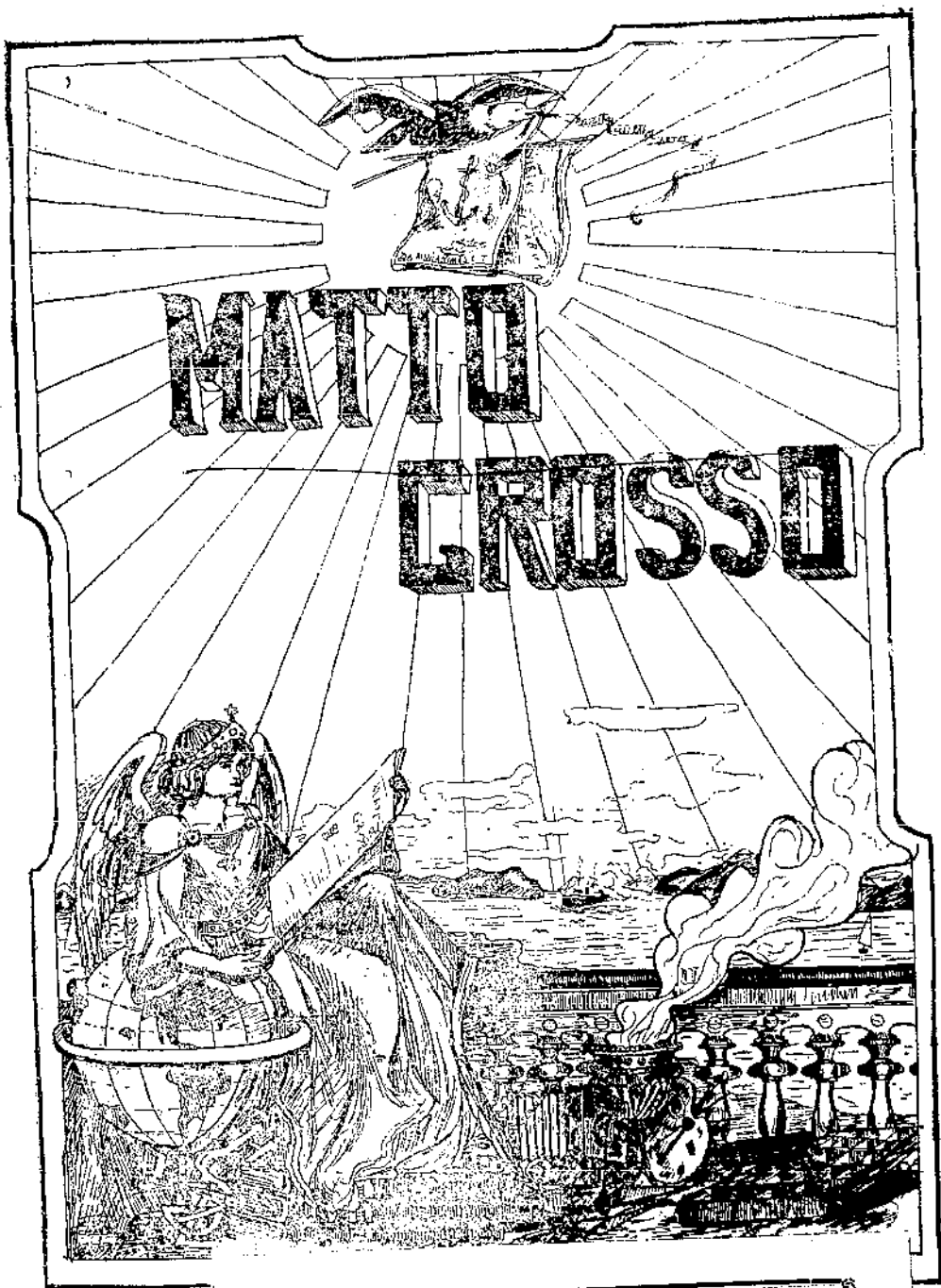
TABELLA I

Maio 1910	Pressão barométrica reduzida á 0.º cent. + 700 ^{mm}						Temperatura centigrada á sombra				TEMP. SOL. OSCILAÇÃO	Humidade relativa			
	6a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da tem.	6 a. m.		2 p. m.	8 p. m.	Media	
1	20.17	17.41	18.84	18.80	2.76	26.3	29.0	23.6	5.4	10.0	84.0	61.0	70.0	71.6	
2	19.19	18.72	18.96	18.95	0.47	25.6	28.2	23.0	5.2	9.8	91.0	70.0	74.0	78.3	
3	19.09	19.93	21.17	20.06	2.08	23.8	26.0	21.6	4.4	7.2	86.0	73.0	88.0	82.3	
4	23.52	22.03	21.93	22.49	1.59	23.9	26.0	19.8	6.2	13.4	91.0	69.0	72.0	77.3	
5	22.40	20.70	20.82	21.30	1.70	24.0	27.8	20.2	7.6	14.6	87.0	59.0	69.0	71.6	
6	22.29	18.63	20.29	20.40	3.66	24.8	28.4	21.2	7.2	12.0	86.0	59.0	76.0	73.6	
7	21.89	20.58	21.31	21.26	1.31	24.5	28.0	21.0	7.0	13.6	80.0	56.0	77.0	71.0	
8	21.76	21.82	21.13	21.57	0.69	25.4	28.1	22.8	5.3	10.0	91.0	70.0	77.0	79.3	
9	22.40	22.01	21.80	22.07	0.60	24.0	27.0	21.0	6.0	10.0	84.0	61.0	74.0	73.0	
10	22.73	21.62	22.17	22.17	1.11	24.3	27.4	21.2	6.2	15.2	63.0	62.0	67.0	64.0	
D.1ª	21.54	20.34	20.84	20.90	1.59	24.5	27.5	21.5	6.0	11.5	84.3	64.0	74.4	74.2	
11	22.76	20.99	21.60	21.78	1.77	24.5	29.0	20.0	9.0	15.2	72.0	63.0	74.0	69.0	
12	22.44	20.93	21.85	21.74	1.51	23.5	27.0	20.0	7.0	14.2	78.0	60.0	66.0	68.0	
13	22.52	21.53	21.03	21.69	1.49	23.8	26.8	20.8	6.0	15.8	84.0	50.0	67.0	67.0	
14	22.76	21.05	21.05	21.62	1.71	20.5	26.0	15.0	11.0	19.0	63.0	66.0	67.0	65.3	
15	22.32	20.82	21.85	21.66	1.50	23.0	27.0	19.0	8.0	14.2	83.0	48.0	58.0	63.0	
16	22.64	21.82	22.12	22.19	0.82	22.9	26.4	18.0	8.4	15.0	78.0	53.0	53.0	54.6	
17	22.87	21.05	22.29	22.07	1.82	21.4	26.4	16.4	10.0	16.6	80.0	55.0	57.0	64.0	
18	22.95	20.82	22.17	21.98	2.13	20.8	26.2	15.4	10.8	17.6	79.0	64.0	63.0	68.6	
19	21.32	20.82	20.82	20.98	0.50	23.2	28.0	18.4	9.6	15.8	84.0	49.0	64.0	65.6	
20	22.24	21.25	20.82	21.42	1.42	24.8	28.6	21.0	7.6	16.4	84.0	51.0	60.0	65.0	
D.2ª	22.48	21.10	21.56	21.71	1.46	22.7	27.1	18.4	8.7	15.9	78.5	55.9	62.9	65.0	
21	22.52	21.27	21.82	21.87	1.25	23.8	27.6	20.0	7.6	16.8	90.0	56.0	62.0	69.3	
22	22.30	21.82	22.92	22.34	1.10	23.3	26.0	20.6	5.4	10.0	89.0	58.0	91.0	79.3	
23	24.11	22.99	23.17	23.09	1.12	20.2	25.2	15.2	10.0	14.4	83.0	67.0	84.0	78.0	
24	23.87	22.08	22.29	22.74	1.79	20.2	25.4	15.0	10.4	14.0	85.0	66.0	71.0	74.0	
25	23.86	22.69	22.69	23.08	1.17	20.1	25.2	15.0	10.2	13.4	73.0	64.0	62.0	66.3	
26	23.99	21.93	22.12	22.68	2.06	20.0	25.0	15.0	10.0	16.7	77.0	55.0	61.0	64.3	
27	23.99	21.93	22.05	22.65	2.06	21.2	26.0	16.4	9.6	18.6	81.0	53.0	61.0	65.0	
28	23.36	20.93	21.08	21.79	2.43	21.0	26.0	16.0	10.0	16.8	78.0	53.0	62.0	64.3	
29	22.64	20.58	22.90	22.04	2.32	23.1	28.4	17.8	10.6	18.2	81.0	51.0	57.0	63.0	
30	22.90	21.65	20.70	21.75	2.20	24.2	28.8	19.6	9.2	17.0	80.0	52.0	65.0	65.6	
31	22.30	21.60	21.84	21.91	0.70	23.8	27.2	20.4	6.8	14.0	80.0	57.0	62.0	66.3	
D.3ª	23.25	21.74	22.08	22.35	1.65	21.9	26.4	17.3	9.0	15.4	81.5	57.4	67.0	68.6	
MEZ	22.42	21.06	21.49	21.65	1.56	23.0	27.0	19.0	7.9	14.2	81.4	59.1	68.1	69.2	

Observatório meteorológico "Presidente Antonio Paes de Barros"

TABELLA II

Maio 1910	Vento Direcção—Força						Nebulosidade Forma—Fracção				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Medias	Abriço	Exp.				
1	W 1	S 5	W 4	SC 6	K 8	N 6	6.6	—	—	—	4.0	7.0	
2	— 0	W 1	S 3	SN 8	KC 8	NC 6	7.3	0.1	—	—	3.4	6.0	
3	— 0	SW 5	S 1	C 4	NC 10	C 6	6.6	—	—	—	3.0	4.0	
4	— 0	N 1	— 0	C 5	K 8	C 3	5.3	—	—	—	3.8	5.8	
5	— 0	S 2	S 3	« 1	« 9	— 0	4.3	—	—	—	4.0	6.4	
6	— 0	— 0	— 0	— 0	KN 9	NS 10	6.3	—	—	—	4.0	6.8	
7	— 0	E 1	— 0	C 6	« 6	— 0	4.0	4.2	—	—	3.4	5.0	
8	— 0	« 5	E 1	SC 8	« 8	K 2	6.0	—	—	—	3.5	5.8	
9	SE 2	« 4	SW 5	— 0	— 0	OK 2	0.6	—	—	—	3.8	6.0	
10	— 0	SE 4	— 0	— 0	KN 4	— 0	1.3	—	—	—	4.0	6.4	
D.1ª	SE 0.3	E 2.8	SW 1.7	C 4.1	KN 7.0	C 3.5	4.3	4.3	—	—	36.9	59.2	
11	ESE 2	E 4	— 0	C 3	C 4	C 2	3.0	—	—	—	4.0	8.0	
12	— 0	« 3	SW 4	— 0	K 3	« 4	2.3	—	—	—	4.1	8.0	
13	SW 5	SE 4	« 3	C 3	C 5	« 4	4.0	—	—	—	4.4	8.4	
14	ESE 2	N 4	E 5	« 4	« 5	K 3	4.0	—	—	—	4.0	7.8	
15	— 0	E 3	« 5	« 6	« 6	— 0	3.3	—	—	—	4.0	7.6	
16	— 0	« 6	ESE 6	« 2	« 2	C 6	3.3	—	—	—	5.2	8.2	
17	— 0	NE 4	« 4	« 3	« 5	« 2	3.3	—	—	—	6.0	8.2	
18	— 0	N 5	— 0	« 4	KC 7	« 0	3.6	—	—	—	4.4	7.0	
19	— 0	NE 5	E 4	« 3	KC 5	C 2	3.3	—	—	—	4.8	7.0	
20	SE 4	SE 5	« 3	— 0	K 6	— 0	2.0	—	—	—	4.4	6.8	
D.2ª	ESE 1.3	E 4.3	E 3.4	C 2.6	C 4.8	C 2.3	3.2	—	—	—	45.3	77.0	
21	— 0	S 3	— 0	C 3	K 8	— 0	3.6	—	—	—	4.5	7.2	
22	SW 6	« 7	SW 8	« 5	KN 8	C 3	5.3	—	—	—	4.2	7.0	
23	S 6	SW 2	— 0	— 0	K 2	K 6	2.6	—	—	—	4.4	7.2	
24	— 0	« 3	S 4	— 0	C 3	— 0	1.0	—	—	—	4.6	7.5	
25	S 2	« 1	— 0	— 0	— 0	— 0	—	—	—	—	4.0	6.2	
26	— 0	— 0	S 2	— 0	— 0	— 0	—	—	—	—	4.8	7.0	
27	W 1	SW 4	« 2	— 0	— 0	— 0	—	—	—	—	4.6	7.1	
28	— 0	« 5	SSE 3	— 0	— 0	— 0	—	—	—	—	4.4	6.9	
29	— 0	N 5	— 0	— 0	K 4	— 0	1.3	—	—	—	4.5	6.9	
30	— 0	E 4	— 0	— 0	« 5	KN 8	4.3	—	—	—	4.6	7.3	
31	— 0	N 4	— 0	KC 8	KC 7	C 3	6.0	—	—	—	4.5	7.4	
D.3ª	S 1.3	SW 3.4	S 1.7	C 1.4	K 3.3	C 1.8	2.1	—	—	—	49.1	77.7	
Mez	S 0.7	E 3.5	SE 2.2	C 2.7	KC 5.0	C 2.5	3.3	4.3	—	—	131.3	213.9	



Associação Literaria Guyabana

FUNDADA EM 1 DE OUTUBRO DE 1900.

OBRA:

VOLUME:

N

N